

2

A Física

2.1

Átomos e vazio: As bases para a física e a canônica

Certa vez, quando ainda jovem, Epicuro teria respondido a seu professor, que lhe perguntara sobre a origem do universo, que nada surge do nada ⁸. Essa reflexão, já conhecida entre os gregos, viria desde seus primeiros mitos que mostravam que no início tudo era *Caos*. Essa crença ensinava aos homens que tudo sempre houve e que no cosmos sempre estiveram presentes todos os elementos possíveis para sua constituição, mas dispostos numa massa caótica e desmedida, gerando assim, uma gama de questionamentos e hipóteses que inauguram uma filosofia cujo centro é a *physis*.

Perguntar sobre a origem do universo – como do *Caos* pôde-se chegar à *Ordem* – e sobre os elementos primordiais foi a questão central da filosofia dita pré-socrática e parece também ter sido o estopim para o despertar de Epicuro, que se inspirou da teoria atomista de Demócrito, um contemporâneo de Sócrates, ou mesmo antes, com Leucipo.

Leucipo, e de forma mais consistente, Demócrito ⁹, teriam afirmado que tudo existe através da combinação de átomos e vazio, o que num primeiro momento confere a essa teoria um status econômico, pois, de fato, com dois elementos, Demócrito teria erigido um sistema que se arvorava em explicar tudo, ou quase tudo, sobre a *physis* e sobre o próprio homem. Essa teoria sustentava que os átomos seriam a última partícula indivisível da matéria, que existiriam em número e formas incontáveis, sendo também imperceptíveis. Os agrupamentos

⁸ LAERTIUS, Diogenes. *Lives of eminent philosophers. Book X*. Traduced by R. D. Hicks. v. II. London: Harvard University Press, 1995. Letter Herodotus' § 39, p.569.

⁹ Ibid., book IX, p. 442 et seq.

atômicos dariam origem a todas as coisas que existem e inversamente, sua separação representaria a morte ou corrupção dos compostos. Essas características dos átomos juntamente com seus movimentos e suas inumeráveis combinações, dariam origem ao *Cosmos* e sua pluralidade, a todos os seres e objetos, chegando por fim às sensações¹⁰. Ao que tudo indica, essa teoria fascinou Epicuro, fazendo-o imaginar um princípio próximo ao homem, um princípio “palpável” que se lhe afigurou como uma alternativa frente àquilo que ele teria aprendido em sua dita iniciação platônica, além de mostrar-se como uma via segura diante da mitologia, teogonias e cosmologias da cultura grega. À medida que avançava em sua reflexão sobre a *physis*, percebeu que sua ontologia poderia também saciar os anseios de sua época.

Logicamente, seria ingênuo sustentar que Epicuro teria pensado num sistema somente para apaziguar os temores do homem. Mas foi inegável o apelo que sua teoria conseguiu nesse sentido porque eliminara qualquer transcendência, retirando o peso do destino e do determinismo, dado que sobre estas pedras repousavam algumas das maiores inquietações dos homens.

Ao enfrentar os temores (da morte, do destino e dos deuses), Epicuro concebia uma filosofia terapêutica, libertadora, segundo a qual o homem deveria primeiramente conhecer a *physis* e a si próprio. A fisiologia proporcionaria assim ao homem uma *autarkéia* de si e, nesse sentido, orientar-se-ia sua ética. Conhecer o mundo e a si mesmo seriam os primeiros passos para fixar a busca por um saber, e mais adiante auxiliar o homem em seu agir e em sua busca para a felicidade respondendo sobre o que é a vida feliz, questão tida como tema central em todas as escolas filosóficas da antiguidade.

Pois, deve-se notar que as grandes escolas anteriores aos Jardins de Epicuro (como, por exemplo, a Academia e o Liceu) buscavam da mesma forma dispor aos cidadãos uma filosofia para a vida sábia – assim, não se pode conferir este mérito apenas aos epicuristas –, mas seus objetivos se focavam mais numa salvação da *pólis*, enquanto a filosofia do Jardim visava antes a paz do homem e sua felicidade íntima. Destarte, a compreensão dos princípios da doutrina epicúrea

¹⁰ Nossas sensações se originariam nos movimentos atômicos pelo modo como os átomos que compõem nosso corpo e sentidos, captam os átomos externos de acordo com cada situação e condição da natureza.

seria a base para o homem conhecer seu mundo e a si mesmo, e conseqüentemente, desfrutar de uma vida bem-aventurada.

Logo, partindo da Física, a tarefa desta dissertação terá por objetivo mostrar, primeiramente, como a filosofia de Epicuro valorizou a felicidade do homem – e, por conseguinte, a busca pelo prazer – em contraposição à busca da felicidade nas escolas anteriores, voltadas para a *pólis*, objetivo secundário.

2.2

A doutrina e a elaboração dos princípios

Os princípios da doutrina atomista de Epicuro já estavam expressos no pensamento de Demócrito, como visto inicialmente. O abderiano buscava uma *arché* que explicasse de forma viável a constituição do Todo, e, assim, este filósofo deu asas a uma teoria que, independentemente das críticas, sugeria um equilíbrio na tensão iniciada pelos eleatas.

Observando o empenho de Parmênides em defender incondicionalmente o ser e aquilo que é pleno, que exclui a via do não ser e se afasta a chamada via interdita ¹¹, Wolff ¹² indica que Leucipo e Demócrito seguiram a via física para com segurança encontrar um princípio ontológico – e neste ponto não rejeitaram ao rigor parmenídico –, mas também buscavam algo que pudesse sustentar o movimento, mesmo que para isso incorressem contra o mestre, abrindo as portas para o não ser.

Demócrito, para superar o embate eleata entre ser e não ser, propôs, que deveria haver algo que sempre é, que é eterno, imutável e indestrutível: o átomo. Este seria o princípio material do ser. Paralelamente, propôs ainda um segundo elemento, um princípio do movimento e do devir. Princípio este intangível que, caso desconsiderado acarretaria numa teoria torta, numa tendência ao imobilismo

¹¹ A chamada via interdita é aquela que aponta para o grande risco, especulando como possível o ser e o não ser.

¹² WOLFF, Francis. *Dois destinos possíveis da ontologia: A via categorial e a via física*. Analytica. V. 1, nº 3, 1996. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 202

e, que fixaria um materialismo radical. Para escapar desta cilada, a teoria carecia de dois termos fundamentais: o átomo e o vazio. Deve-se perceber o cuidado desses atomistas (Demócrito e Leucipo) para com Parmênides, pois, ao afirmarem o vazio, não pretendiam defender o não ser (aquilo que não existe), mas um certo não ser, um princípio que garantisse o movimento dos átomos e a geração dos compostos, bem como a corrupção dos mesmos, dado que a não aceitação desse princípio invalidaria qualquer projeto de uma física.

Sustentando estes dois elementos, o abderiano disse num de seus fragmentos: “na verdade, não existem as cores, os cheiros, os corpos... e toda sorte de fenômenos sensíveis. Na verdade só existiriam átomos e vazio”¹³ (esses dois elementos, por sua vez, devido às suas combinações, originariam todos os fenômenos captados pelos sentidos). Apesar de perturbadora, esta sentença abarca a essência do atomismo que Epicuro melhor desenvolveria mais tarde.

2.3

A elaboração dos princípios

Coube a Epicuro continuar o esforço dos primeiros atomistas. Para isso, foi preciso assumir que tudo são átomos. Os átomos representam necessariamente tudo o que é material e mesmo aquilo que nos é imperceptível, mas possui materialidade, como um odor ou um som. Contudo, não se poderia admitir apenas a existência dos átomos. Se houvesse somente átomos, assumindo assim apenas o ser, ter-se-ia que declarar a existência dos mesmos como um aglomerado, como uma massa de tamanho e forma inimaginável. Logo, fazia-se urgente outro princípio, que possibilitasse o movimento. A idéia do vazio, aparentemente absurda por se desconhecer, de fato, o que ele é, deveria existir. O vazio não apenas tornaria possível o movimento dos átomos, como seria o meio para o surgimento das coisas. Isso porque os átomos poderiam se movimentar no vazio e

¹³ BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 112, Fragmento 125.

encontrar-se em seus choques. Ainda sobre o vazio, Wolff ¹⁴ o analisa como de existência real e atual. Ora, existe como vazio intersticial para que sejam possíveis a multiplicidade das coisas e o movimento. Este autor ¹⁵ observa ainda que acusar os atomistas de parricídio, pode ser um tanto precipitado. Pois enquanto os eleatas defendiam que não há vazio, visto que o vazio não é, e, assim, não há movimento; os atomistas usavam o critério da sensação para derrubar a tese eleata, dado que o movimento é visível, culminando na existência do vazio. Por fim, a partir dos próprios argumentos eleatas, os atomistas inferiam o vazio, bastando para isso reverter os fragmentos 2 e 3 do poema de Parmênides, abaixo transcritos:

Quais os únicos caminhos de investigação que há para pensar: um que é, que não é para não ser, é o caminho da confiança (pois acompanha a realidade); o outro que não é, que tem de não ser, esse te indico ser caminho em tudo ignoto, pois não poderás conhecer o não-ser, não é possível, nem indicá-lo [...] Frag. 2.

[...] pois o mesmo é pensar e ser. ¹⁶ Frag. 3.

Como Parmênides afirma o não ser como impensável, o vazio não poderia ser. Mas, como bem o notou Wolff, “o que concorria para a inexistência do não ser era sua impensabilidade” ¹⁷; logo, os atomistas, partem do fragmento 3 (acima citado) para indicar a possibilidade de pensar o vazio como um lugar não ocupado. Em seqüência, usando o fragmento 6 do poema, puderam, por meio de um princípio de identidade, afirmar a existência do vazio:

É necessário que o ser, o dizer e o pensar sejam [...] ¹⁸. Frag. 6

¹⁴ WOLFF, F. *Dois destinos possíveis da ontologia*, p. 204.

¹⁵ *Ibid.*, p. 206.

¹⁶ PARMÊNIDES. *Da natureza*. Tradução de José Trindade Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p, 14 – 15.

¹⁷ Wolff, F. *op. cit.*, p. 208.

¹⁸ PARMÊNIDES. *op. cit.*, loc. cit.

Ora, se tudo que é pensável é, o vazio é. Pois, se o ser é tido como pleno, o não ser é o vazio e, para o pensamento, o vazio é tido como um lugar onde os corpos podem estar. Este não-ser do vazio seria, portanto, um não-ser oposto à idéia de negação, de não existência. Ele é pensável ¹⁹ e, existe como a possibilidade do movimento, sendo, então, percebido e, portanto, indubitável. Sua negação acarretaria na ausência do movimento e, por fim, nada poderia vir a existir, reduzindo a teoria ao absurdo.

Tendo defendido a idéia do vazio, restaria tratar detalhadamente os átomos, seus movimentos e choques. Eles existiriam em número incontável, onde cada átomo possui características próprias no que concerne ao tamanho e formato. Em Demócrito, esses átomos têm seu movimento pelo acaso (*tyché*) e pela necessidade (*ananké*) que, em algum momento impreciso, formam turbilhão que interrompe a sua trajetória de queda. Arrastados, os diferentes átomos se chocariam, começando, assim, um movimento contínuo de agregação e desagregação devido aos choques atômicos. Desta forma, os átomos – embora de tamanho imperceptível aos olhos humanos – unem-se, formando os mais variados compostos que adquirem toda sorte de características devido a seus átomos formadores e ao modo de eles se agruparem.

Ao mesmo tempo em que esses compostos surgem, outros desaparecem pela dissolução de suas partículas componentes. Isso ocorre em razão do composto estar em contato direto com outros átomos num espaço onde sofrem e causam modificações entre si. E foi nestes termos que os primeiros materialistas estruturaram sua teoria; tudo são átomos e vazios e o restante não passa de convenções.

2.4

O DESVIO

¹⁹ Demócrito afirma aqui que: “*o nada existe tanto quanto o “alguma coisa”*”. Ver em: BORNHEIM, G. op. cit., p. 113, Fragmento 156.

A mudança significativa neste atomismo viria com as contribuições de Epicuro e, posteriormente de Lucrecio. Epicuro, o filósofo do Jardim, manteve os elementos primordiais, implementando detalhes quanto ao movimento dos átomos. Pois, se para Demócrito os átomos possuíam tamanhos e formatos diversos, Epicuro diz ainda que os átomos possuem pesos que lhes são particulares. Isso explicaria e favorecia uma inata potência de leve desvio de trajetória quando do seu movimento de queda vertical no vazio – idéia do *clínamen* ou *declinatio* que Lucrecio²⁰ credita a Epicuro, embora tal idéia não se encontre em nenhum texto remanescente do mesmo. Wolff corrobora esta definição do *clínamen*, apontando que além do peso Epicuro:

(...) modificou num segundo ponto a dinâmica democritiana, ao dotar os átomos de uma segunda causa interna de movimento, um poder errático de desvio em relação ao seu trajeto retilíneo, o *clínamen*. Esse ligeiro movimento indeterminado tem duas funções: ele permite explicar, segundo Lucrecio, por um lado os encontros originais dos átomos dos quais nasceriam os entrelaçamentos dos corpos compostos e, gradativamente, o conjunto do mundo; por outro a livre vontade dos seres vivos.²¹

Logo, os átomos caem verticalmente no vazio, e um sutil desvio em sua trajetória faz com que um átomo se choque com outro dando origem a uma onda de entrechoques dos átomos. O nascer e seu contrário, o tempo de existência de cada composto se explica através da combinação dos átomos, pois alguns compostos apresentarão maior resistibilidade ou se juntariam de forma mais complexa que outros.

Sobre esse importante desenvolvimento entre o atomismo dos primeiros atomistas e Epicuro e Lucrecio, a saber, o desvio, Ottaviani diz:

Diante do turbilhão democritiano, os epicuristas elaboraram a teoria da ‘declinação’ (*parenklisis*) dos átomos: se eles caíssem simplesmente na vertical, de cima para baixo, como quer seu peso, eles não poderiam se encontrar e formar então os corpos compostos. Para que os encontros e, por conseguinte, os choques

²⁰ *Da Natureza*, II 220 – 290. Pretendemos analisar o quanto Lucrecio desenvolveu o atomismo epicurista, em pesquisa oportuna. LUCRÉCIO, Tito Caro. *Da natureza*. In: *Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril S.A., 1973.

²¹ WOLFF, F. *A invenção materialista da liberdade*. In, Novais, Adauto (Org.) *O avesso da liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 23.

sucessivos se produzissem, era necessário que os átomos “se desviassem” na sua direção natural de queda.

Nós não dispomos do texto de Epicuro que faz menção desta declinação, e nós não sabemos se ele mesmo defendia esta idéia. É possível *Nausiphane* seja o idealizador, mas nós a encontramos de todas as maneiras nas obras dos epicuristas posteriores. Com Lucrecio a declinação tem o nome de ‘*clinamen*’ e é destinada a explicar os movimentos espontâneos dos seres vivos. O necessitarismo de Demócrito, que reconhece a necessidade e o acaso, se encontraria arruinado pela hipótese da teoria da declinação, e ela permite compreender a liberdade humana desde seus fundamentos no seio da teoria física.²²

Como destacaram Ottaviani, e Wolff mais acima, deve-se dizer que o desvio foi marcadamente a grande diferença que levou o epicurismo a tomar caminho oposto aos primeiros atomistas, e incorporar o desvio seria uma tentativa de substituir as noções de *tyché* e *ananké*, pelo menos no que toca ao homem e aos seres vivos, pois na natureza o movimento continuaria a depender, por um lado, da necessidade; e por outro, o surgir dependeria do acaso. Logo, se Epicuro neste sentido fere o princípio de causalidade explicando a origem do movimento como sendo eterno (contudo Leucipo e Demócrito nada explicaram nesse sentido) para fundamentar a necessidade e o acaso, dogmatizando sua física; inversamente, podemos pensar que talvez o intuito de Epicuro fosse muito mais voltado a compor seu projeto ético que, propriamente, aprofundar questões controversas e inacabadas desde Leucipo.

Neste sentido, a física seria na verdade a primeira parte do projeto epicúreo de uma filosofia curativa voltada para a felicidade. Isso porque, essa física quando assume o desvio, permite ao homem uma compreensão da liberdade que reside nele mesmo e, por conseguinte, traz à tona o tema norteador sobre o que é a vida feliz, aproximando a liberdade com o problema do saber conduzir-se frente a uma realidade política adversa, ao desconhecimento do mundo e dos verdadeiros prazeres que levam à vida feliz.

De acordo com o exposto, Farrington, atento, reconheceu a Marx como o primeiro a apreciar essa persistência de Epicuro, notadamente interessado pelo microcosmo, Homem (e sua liberdade de vontade), do que pelo macrocosmo, Natureza.

²² OTTAVIANI, D. *Premières leçons sur les trois Lettres d'Epicure*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998. p. 14 -15.

(...) Dotar cada átomo de peso, por direito próprio, equivalia a dar-lhe uma existência separada; dotá-lo com o poder de ‘desviar’ equivalia a capacitá-lo a fugir do domínio da necessidade física. Assim, o atomismo, que foi inventado por Demócrito para dar uma base à física, foi adotado por Epicuro para servir de fundamento à ética.

A explicação de Marx, da relação entre o atomismo de Demócrito e o de Epicuro é, indubitavelmente, correta; e embora não melhore a nossa opinião de Epicuro como cientista, situa, numa luz clara, seu papel como filósofo ético e reformador.²³

Essa citação de Farrington, acima transcrita, mostra de fato que Epicuro concebe um projeto que pretende auxiliar o homem em elevar e tranquilizar seu espírito e, para esse fim, o conhecimento fisiológico não é senão um exercício essencial de conhecer a si mesmo.

A crítica que paira sobre Epicuro e o seu atomismo sobre este ponto parece justa, no sentido de um forte dogmatismo, ou, no mínimo, uma abstração radical que se necessita crer. Temos um elemento primordial eterno e sempre o mesmo que é o átomo, que, por sua vez, sozinho não dá origem a nada. Paralelamente, o vir-a-ser das coisas necessitaria do encontro de uma multiplicidade de unos jogados no vazio e seus entrechoques. Vazio que, por sua vez, é aquilo que não é, que não há ser. Por fim, mesmo defendendo o vazio, restaria ainda responder sobre a causa do movimento, e neste ponto os atomistas não responderam, senão apelando à redução ao absurdo, como foi visto no tópico anterior.

A resposta que Epicuro oferece a essas críticas lhe confere, de fato, um dogmatismo; contudo, é a única resposta viável, pois ou se intui o vazio como existente ou não haveria movimento, e não havendo este, nada poderia surgir²⁴. Epicuro segue, portanto, os passos de seus antecessores, não podendo deixar de assumir o vazio. Como visto anteriormente, o vazio existe. E, se não o percebemos pelos sentidos, podemos apreendê-lo pelo pensamento puro. Destarte, para Epicuro, rejeitar o atomismo e o vazio, levaria a duas vias sem saída: aos mitos que se refugiam nos deuses e seus poderes de criação e influencia no mundo

²³ FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Tradução de Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1968, p. 119.

²⁴ **Epicuro** - “And if there were no space (which we can also void and place and intangible nature), bodies would have nothing in which to be and through which to move, as they are plainly seen to move”. LAERTIUS. op. cit., *Carta à Herodoto* § 40.

Igualmente, Lucrecio acompanha o mestre: - “se não houvesse o lugar, o espaço a que chamamos vazio não teriam os corpos onde estar colocados, nem se poderiam de modo algum mover para qualquer parte”. LUCRÉCIO. op. cit., I – 425.

e nos homens; ou então, a uma radical postura, aceitando que tudo sempre existiu, negando o movimento, e que tudo poderia nascer de tudo a qualquer momento, uma vez que não há uma origem que explique a geração e a corrupção das coisas. Críticas à parte, o atomismo de Epicuro orientou-se ao equilíbrio, tanto da natureza, quanto do homem.

Sua compreensão física mostra uma natureza cíclica, tendo nela mesma a capacidade ordenadora. Quanto ao homem, a *physiologia*, permite primeiro um desvelamento do indivíduo como ser autônomo e liberto das amarras do destino; e segundo, como veremos melhor no próximo capítulo, permite a total compreensão da composição do homem e de suas sensações²⁵, abrindo assim, as portas para o estudo da Canônica. É neste sentido que seu atomismo se volta para o equilíbrio, pois o homem encontra-se como pleno conhecedor de si.

2.5

Sobre a estabilidade da natureza e os deuses.

Epicuro explicitara um materialismo sustentando um de seus pilares sobre o imaterial. Sua teoria permitia uma compreensão de um movimento cíclico da natureza, tal como mostra a experiência sensível. Essa física pressupunha um movimento eterno ao infinito – e este movimento não cessa, sob a condição de tudo permanecer igual eternamente – numa infinidade de átomos, uma infinidade de seres e objetos, e uma infinidade de mundos, bem como sua geração e corrupção.

A física epicurista neste sentido rechaçou a idéia de um Deus criador sem com isso, curiosamente, negar a existência dos deuses. Nota-se aqui, o esforço no combate travado por Epicuro para libertar os homens do *fatum* e dos mitos religiosos como bem acentuou Hirschberger²⁶. Ora, se por um lado ele intui o

²⁵ É importante notar o papel de destaque que a sensação ocupa no sistema epicúreo, pois, é a partir dela que é possível intuir o vazio, garantindo assim, a física. Além disso, mostrar-se-á adiante que as sensações são também o ponto de partida para o conhecimento.

²⁶ HIRSCHBERGER, Johannes. *Historia da filosofia na antiguidade*. 2ª ed. Tradução e prefácio de Alexandre Correia. São Paulo: HERDER, 1969. Ver p. 290.

desvio para justificar a liberdade da vontade e do agir ²⁷, esse artifício visava também desprover qualquer mérito providencial e antiteleológico do *Cosmos*. Deve-se, ainda, perceber que quando Epicuro avança com a idéia do desvio, seus deuses deixam de ser criadores e passam a ser objetos de apreciação, e não mais de veneração e/ou temor ²⁸ (existindo em seu plano entre os mundos sem se preocupar ou agir sobre a vida que transcorre eternamente se renovando). Assim, os deuses não interviriam na vida humana e, por conseguinte, os mitos dos deuses, os medos que assolam os homens como a transcendência, julgamentos, castigos e toda sorte de temores seriam dissipados. À distância, a relação dos homens com os deuses seria apenas na direção de admirar sua beatitude.

Como visto, para os epicuristas, os deuses existem como modelos ideais. E é neste sentido que Duvernoy ²⁹, numa correspondência com Max Sheler, vê o culto epicurista com os deuses como uma relação sem religião. Uma vez que os deuses vivem sábia e venturosamente, os homens que quiserem assim viver devem neles espelhar-se. Sobre como os homens podem conhecer os deuses e neles se espelhar, veremos isso no capítulo seguinte.

2.6

A alma

A respeito da física resta discorrer sobre a alma. Antes deve-se observar uma distinção entre o que é animado e o que é inanimado. Por exemplo, uma pedra seria composta por uma ou várias espécies de átomos, conferindo-lhe suas características de pedra; entre outras características, podemos intuir sua ausência de ânimo e também de racionalidade. Já entre os animais, alguns mostram

²⁷ E para um projeto hedonista seria necessário preservar a vontade eliminando qualquer fatalismo.

²⁸ Lúcrécio insinua essa intenção de Epicuro libertar os homens desses temores. Ver em: LUCRÉCIO. op. cit., I – 146.

²⁹ Duvernoy, Jean-François. *O Epicurismo e sua tradição antiga*. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 66.

animação com graus menores e maiores de inteligência. Esses seres possuem essa inteligência, pois, participam em sua constituição, além dos átomos formadores da matéria corporal, átomos extremamente sutis, com tamanhos, velocidade, peso e movimento distintos e particulares, que, por afinidade com cada ser, passa a habitar seu interior. Estes átomos, mesmo agrupados, permanecem imperceptíveis e habitam o interior dos seres, sendo seu princípio de movimento. Deste modo, um corpo sem esta alma se assemelharia a uma pedra, sujeito apenas ao desgaste³⁰ natural do seu complexo material.

Tem-se, com esses dados, uma tripartição: corpo, alma e espírito. Lucrecio contribui em *Da Natureza III 135*, com a explicação de que o espírito e alma se mantêm ligados formando uma só substância, e que no espírito reside também o pensamento. Temos, pois, que a alma (*anima*) como uma espécie de ar ou fluído, habita todo o corpo, dando-lhe vida. O espírito (*animus*) seria um princípio de impulso e sensibilidade (localizando-se no peito), e no espírito habitaria também o pensamento (*mens*). Como explica Batista³¹, a alma, disseminada por todo o corpo, obedece aos impulsos do espírito, sendo “nossa porção sensitiva, aquilo através do que somos capazes de experimentar, de conhecer, de sentir prazer e dor”, logo, “o espírito é como que um princípio autônomo, pensante, emotivo e movente”. Logo, conclui-se que a alma, sob certo prisma, não apenas seria o princípio energético do corpo, que o anima, mas também é núcleo de impulso e movimento, e é ainda nela que se dá todo o projetar do pensamento³² (*ἐπιβολὰς τῆς διανοίας*) para além das sensações.

Não se pode esquecer que a alma para Epicuro é material. Para Epicuro a alma existe com o corpo e, na morte deste, a mesma se desfaz, se desagrega perdendo todas as características e qualidades que possuía enquanto alma que

³⁰ Há o desgaste tanto pelo fato do composto estar em contato exterior com outros átomos, mas também porque em todo composto existe também o vazio, mesmo os compostos mais resistentes como as pedras (e isso se observa como as pedras absorvem água, ou seja, a água nesse exemplo penetra nos vazios que constituem a formação da pedra, contribuindo para sua degeneração). Nisso se observa dois movimentos, externos e internos aos objetos.

³¹ BATISTA, Romulo Siqueira. *Lucrecio e a natureza das coisas: entre o acaso e a necessidade* (Tese). Rio de Janeiro: PUC, 2007, p. 131.

³² Cf. LAERTIUS. D. *Lives of eminent philosophers*, § 51, p. 579.

habita um corpo. Forschner³³ diz que – “apenas os corpos efetuam e sofrem algo (...) A alma humana representa as funções de atuar e sofrer”. Nesse sentido podemos também citar Silva³⁴ - “Se a alma é corpórea é mortal, e se dissolve com a morte”. Por isso – “A perda da alma é também a perda da geração da energia do corpo”.

E assim, a exemplo da morte do corpo, a alma ao morrer se espalha no espaço, resguardando a cada átomo formador apenas aquilo que lhe é fundamental, ou seja, suas características próprias imutáveis: “(...) logo que se dissolve inteiramente o corpo, a alma se dissipa, e disseminada perde a sua força e os seus movimentos, de tal modo que ela também se torna insensível.”³⁵

Assumindo essa tese, Epicuro mantém a unidade do sistema no mundo da *physis*, não havendo necessidade de assumir a imortalidade da alma bem como uma necessária reminiscência; e, por outro lado, Epicuro anula as lacunas sobre a origem das coisas e dos seres; para ele, os corpos e as almas que se desfazem espalhando seus átomos no espaço darão origem a novos seres, dado que esses mesmos átomos estarão participando de novos compostos, tendo em vista a afinidade dos átomos entre si.

Todo esse quadro confere um valor inestimável à vida. Epicuro pretendia em sua *physiologia* uma compreensão de todos os fenômenos. Pretendia uma forma de fundar um conhecimento sobre o mundo e sobre si mesmo capaz de eliminar, ou ao menos apaziguar, todos os sofrimentos e medos (vistos anteriormente) que afetam e impedem a existência feliz, além de exaltar a liberdade humana valorizando a existência atual e seus verdadeiros prazeres. Seu sistema deve explicar ainda a aquisição do conhecimento a partir de critérios confiáveis, decorrente da relação dos diversos complexos atômicos, como veremos no capítulo seguinte. Isso porque, se só há uma vida e a finalidade dela

³³ FORSCHNER, Maximilian. *Epicuro: esclarecimento e serenidade*. In: Erler, M. & Graeser, A. (org.). *Filósofos da Antiguidade II. Do Helenismo até a antiguidade tardia*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2005, p. 47.

³⁴ SILVA, Markus Figueira da. *Epicuro – sabedoria e jardim*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará; Natal: UFRN. 2003, p. 39-40.

³⁵ EPICURO. Antologia de textos de Epicuro. In: *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca, Marco Aurélio*. Tradução de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril S.A., 1973. p. 25

deve ser a felicidade ³⁶, então é imprescindível primeiro conhecer a si mesmo, encontrando critérios que orientem o homem a driblar todos os sofrimentos e dores que perturbam a paz e a felicidade; por outro lado, deve-se utilizar esses critérios para maximizar a continuidade do prazer e da imperturbabilidade do corpo e da alma.

³⁶ Como já foi visto na introdução desta dissertação, o prazer, elo do sistema epicúreo, é o princípio e o fim da vida feliz.